

Estrangeirismo e os processos de gramaticalização e lexicalização em “do *job*”: uma abordagem funcionalista

Tiago Almeida Assumpção*

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar o fenômeno linguístico manifesto no uso da expressão “do *job*” em contextos de interação no português brasileiro (PB), tomando como base os postulados da Teoria Funcional. A pesquisa investiga o estrangeirismo “*job*”, oriundo do inglês, e sua nova atribuição semântica – serviço sexual – a partir de contextos interacionais. Para tanto, esta pesquisa, de natureza exploratória, bibliográfica e qualitativa, tomou como *corpus* um vídeo musical e três *shorts* (vídeos de curta duração) disponibilizados pelo YouTube. A análise dos contextos interacionais nos quais a expressão “do *job*” está presente considera fatores fonéticos, morfológicos, sintáticos e pragmáticos. Constatou-se também, nesta pesquisa, que “do *job*” está passando por processos de gramaticalização e lexicalização no português brasileiro. A pesquisa contribui para os estudos sobre variação linguística, mais especificamente, no que concerne aos estrangeirismos e suas mudanças semânticas no português brasileiro.

Palavras-chave: do *job*; estrangeirismo; funcionalismo; gramaticalização; lexicalização.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Graduado em Letras com licenciatura em português/inglês. Mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas, na área de concentração “Linguística e Língua Portuguesa”, sendo bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0567-1941>.

Foreignisms and the Processes of Grammaticalization and Lexicalization in “*do job*”: a Functionalist Approach

Abstract

This study aimed to analyze the linguistic phenomenon of the expression “*do job*” in interactive contexts in Brazilian Portuguese (BP), based on the postulates of Functional Theory. The research investigates the loanword “*job*,” originating from English, and its new semantic attribution—sexual service—based on interactional contexts. To this end, a music video and three short videos (shorts) available on YouTube were used as *corpus* for this research of exploratory, bibliographic and qualitative nature. The analysis of the interactional contexts in which the expression “*do job*” appears considers phonetic, morphological, syntactic, and pragmatic factors. This research also found that “*do job*” is undergoing processes of grammaticalization and lexicalization in Brazilian Portuguese. This research contributes to studies on linguistic variation, more specifically regarding loanwords and their semantic changes in Brazilian Portuguese.

Keywords: *do job*; foreignism; functionalism; grammaticalization; lexicalization.

Introdução

A língua adotada por uma comunidade linguística está sempre sujeita a mudanças. À medida que os falantes de tal grupo expressam seu vernáculo, intensifica-se o processo de variação da língua. Logo, a interação entre os indivíduos implica mudança linguística. O mesmo acontece quando falantes de línguas distintas interagem entre si. É possível observar esse fenômeno com o uso, por parte dos brasileiros, da expressão “do *job*”, originada do contato entre falantes do português brasileiro (PB) e o inglês, língua franca da contemporaneidade, o que resultou na seguinte formulação: de (prep. port.) + o (art. port.) + *job* (subs. inglês).

Segundo o Dicionário Cambridge (2025), disponível virtualmente¹, *job* é o “trabalho regular que uma pessoa faz para ganhar dinheiro”². Porém, como será aprofundado na seção de análise do *corpus*, a expressão “do *job*”, usada pelos falantes brasileiros nas situações analisadas, adquiriu uma nova atribuição semântica, um tipo de “especialização” do termo: refere-se aos profissionais do sexo, ou seja, ao serviço no qual alguém faz sexo em troca de dinheiro. Quando alguém diz que x é “do *job*”, significa que a pessoa referida é uma profissional do sexo, conforme esse novo valor semântico.

O presente artigo tem como objetivo analisar o fenômeno linguístico manifesto no uso da expressão “do *job*” em contextos de interação no PB, tomando como base os postulados da Teoria Funcional. Dessa forma, esta pesquisa não só investigou a sintaxe envolvida na formação da expressão examinada, como também considerou os domínios da semântica e da pragmática. Além disso, este trabalho perscrutou o processo de empréstimo linguístico representado pelo termo *job*, bem como os fenômenos de gramaticalização e lexicalização ligados à formação da expressão “do *job*”.

Para tanto, foi analisado um *corpus* no qual é possível observar situações em que a expressão “do *job*” é usada no contexto brasileiro, constituído por um vídeo musical e três *shorts*³, todos encontrados por meio de busca na plataforma YouTube. A canção selecionada se chama “Do *job*”, de Grelo e Mc Tuto, e os títulos dos *shorts* são: “Quanto ganha por mês

1 O endereço eletrônico para a explicação da palavra *job* no dicionário virtual da Cambridge pode ser acessado pelo seguinte *link*: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/job>.

2 A citação no corpo do texto foi traduzida pelo autor deste artigo. O texto original é o seguinte: “The regular work that a person does to earn money”.

3 Modalidade de vídeos na internet conhecidos por serem curtos, com duração de, normalmente, um minuto.

uma do job em Balneário Camboriú”, “Garotas do job trabalhando #job #mulher” e “Profissão chamada do JOB”.

A próxima seção deste artigo é dedicada aos princípios teóricos e conceituais adotados para a análise. Nela, os conceitos de funcionalismo, estrangeirismo, gramaticalização e lexicalização são discutidos. Em seguida, há um segmento do texto dedicado à apresentação da metodologia utilizada e outro concernente à análise propriamente dita. A última seção contempla as considerações finais acerca da discussão realizada.

Estrangeirismo, gramaticalização e lexicalização

Para investigar o fenômeno linguístico manifesto na expressão “do *job*”, foi adotada a perspectiva do funcionalismo. A linguagem, para os funcionalistas, é concebida como um instrumento de interação social. O interesse de investigação linguística dos pesquisadores que se afiliam a essa abordagem está na situação comunicativa, a qual envolve os interlocutores e o contexto discursivo – ou seja, as condições discursivas. Dessa forma, o funcionalismo busca explicar as regularidades percebidas no uso interativo da língua (Cunha, 2009). Para além da condição da situação comunicativa imediata, Volóchinov (2019, 2025) alerta que outros fatores externos influenciam a produção discursiva, como o fato de o falante considerar um “auditório” para direcionar seu discurso. Logo, a canção e os vídeos analisados foram produzidos tendo um “auditório” em mente, ou seja, pessoas para quem o discurso foi direcionado.

Portanto, a estrutura gramatical das línguas não é vista como um sistema abstrato pelos funcionalistas, diferentemente das correntes formalistas (com especial destaque ao estruturalismo e ao gerativismo). Os linguistas que adotam o funcionalismo como abordagem estudam a relação da estrutura gramatical de uma língua e os contextos comunicativos em que ela é usada (Cunha, 2009). Para essa corrente, a língua não é um sistema abstrato convencionado que impõe regras sobre os indivíduos, os quais não exercem nenhuma influência sobre ele, tampouco uma estrutura mental inata, desenvolvida, principalmente, na infância por meio de contato com *outputs* externos. A língua, para os funcionalistas, é o resultado das

interações de seus falantes entre si ou do contato desses falantes com outras comunidades linguísticas.

A variação da estrutura linguística decorre da frequência de uso pelos falantes e da natureza de suas interações. Na perspectiva do funcionalismo, um grande conjunto de fenômenos linguísticos é o resultado da adaptação da estrutura gramatical às necessidades comunicativas dos falantes de um sistema linguístico. Logo, além de os funcionalistas apresentarem concepções distintas da natureza da linguagem, apresentam também diferentes objetivos de análise linguística, métodos próprios e preferência por dados empíricos que divergem aos de outras abordagens (Cunha, 2009). Além disso, essa corrente confere mais atenção a fatores de ordem semântica e pragmática, se comparada às correntes formalistas. Esses fatores são essenciais para entender o caso do fenômeno linguístico “do *job*”, fruto do contato entre falantes do PB com o inglês.

Como dito anteriormente, *job* é uma palavra oriunda do inglês cujo significado tradicional é, essencialmente, o trabalho que uma pessoa faz para receber dinheiro. À medida que os brasileiros intensificaram seu contato com o inglês, também surgiram novos itens lexicais no PB em forma de empréstimos linguísticos – sendo *job* um desses vocábulos.

No que diz respeito aos empréstimos linguísticos e, mais especificamente, aos estrangeirismos, há, entre as correntes da Linguística, posicionamentos diversos. Até mesmo os lexicógrafos e os gramáticos posicionam-se de maneira distinta em relação a esse tipo de contato linguístico. O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), base de pesquisa lexical publicada pela Academia Brasileira de Letras (ABL), diz apenas que esse item lexical é um substantivo masculino oriundo do inglês⁴, sendo possível localizá-lo por meio da barra de pesquisa “Vocabulário de Estrangeirismos”, disponível na plataforma. Os autores Garcez e Zilles (2001) sugerem que um possível motivo para a adesão dos brasileiros a tantos termos vindos do inglês seria o desejo da classe consumidora brasileira de se espelhar nos modelos de consumo norte-americano e europeu.

Em relação aos gramáticos, Domingos Paschoal Cegalla (2010), nome consagrado pela tradição letrada brasileira, percebe os estrangeirismos com uma posição mais purista da língua, ao dizer que “o inglês e o francês são os idiomas que maior influência exercem, hoje, sobre o português.

⁴ Disponível neste [link](https://www.academia.org.br/nossa-lingua/vocabulario-de-estrangeirismo): <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/vocabulario-de-estrangeirismo>.

Pelas páginas dos jornais e das revistas desliza um caudal de anglicismos e galicismos, muitos dos quais desnecessários” (Cegalla, 2010, p. 127). Apesar disso, o autor reconhece as influências derivadas do contato mútuo que as línguas podem exercer entre si, quando diz:

As palavras de outros idiomas penetram na língua através das relações entre povos e graças às influências que as culturas e civilizações exercem umas sobre as outras. Desde os primórdios da língua portuguesa, e mais intensamente na fase da sua expansão pelos continentes e, depois, nos séculos das grandes invenções numerosos termos estrangeiros, importados e aprovados pelo uso, vieram enriquecer-lhe o patrimônio léxico. (Cegalla, 2010, p. 126).

Rocha Lima (2024), por sua vez, não apresenta explicações nem comentários a respeito dos estrangeirismos na sua *Gramática normativa*. Celso Ferreira da Cunha e Luis Filipe Lindley Cintra (2016) falam somente a respeito das variações linguísticas decorrentes de processos internos de interações entre falantes do português, sendo elas: variações diatópicas (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais), variações diastráticas (nível culto, língua padrão, nível popular etc.) e variações diafásicas (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres etc.).

Já Evanildo Bechara (2019), gramático e filólogo também consagrado pela tradição linguística brasileira, não só dedica seções da sua *Moderna gramática portuguesa* para os neologismos derivados de contatos do português com outras línguas, como também apresenta dois conceitos essenciais e adotados nesta pesquisa: empréstimos e estrangeirismos. Segundo o autor,

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra, detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, ‘empréstimos’); mas há os que facilmente mostram não ser prata da casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot, ballet, feedback, footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô, abajur, tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, ‘estrangeirismos’). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos. (Bechara, 2019, p. 633).

O uso constante do estrangeirismo *job* resultou em uma nova atribuição de significado a esse termo: o de “profissão do sexo”. Ocorreu também uma variação desse item lexical no que diz respeito à sintaxe, na medida em que as incidências do termo são frequentemente precedidas da junção da preposição “de” somada ao artigo “o”, formando a expressão “do *job*”, a qual está passando pelos processos de gramaticalização e lexicalização, segundo a abordagem funcionalista.

Gramaticalização, de acordo com Cunha (2009), é um processo no qual itens lexicais e construções sintáticas passam a assumir funções gramaticais e, quando gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Ou seja, designa as eventuais transformações que itens lexicais de natureza concreta, normalmente substantivos, passam ao se tornarem mais abstratos, mudando de classe morfológica, ou quando itens gramaticais passam a desenvolver novas funções gramaticais. É um processo que pode resultar em perdas fonéticas e, até mesmo, em junções de itens gramaticais a outros itens, transformando-se, assim, em morfemas. É possível observar esse fenômeno no texto de Martelotta e Silva (1996), intitulado “Gramaticalização de *então*”, no qual é atestado que o elemento “então”, de um modo geral, tende a ocorrer mais no discurso oral e que seus usos mais gramaticalizados, e, portanto, mais abstratos, tendem a predominar nos níveis mais altos de escolaridade.

Outro processo linguístico investigado pelos funcionalistas e fundamental para esta pesquisa é o da lexicalização. No trabalho de Barreto (2012), intitulado “Lexicalização e gramaticalização: processos independentes ou complementares?”, é mostrado como esses dois processos são muito similares e difíceis de serem delimitados, muitas vezes sendo considerados processos paralelos que operam em diferentes níveis da língua, visto que ambos envolvem redução fonética, reanálise sintática, desmotivação, fossilização e convencionalização. Além disso, a autora diz que,

uma vez que no processo de gramaticalização há não só a recategorização, a morfologização e a sintaticização, mas a aquisição de um novo conteúdo semântico e de uma nova função gramatical, o item gramaticalizado passa a ocupar um lugar no acervo lexical da língua. Desse modo, a gramaticalização parece contribuir para a lexicalização. [...] Um outro ponto que merece consideração é o fato de se considerar a gramaticalização como um processo essencialmente metafórico e a lexicalização, um processo metonímico. (Barreto, 2012, p. 412).

A pesquisadora ainda afirma que o linguista alemão Christian Lehmann restringe e define lexicalização “ao processo segundo o qual uma forma linguística se torna lexical, isto é, passa a pertencer ao inventário de uma língua, tornando-se holística” (Barreto, 2012, p. 407). Além disso, conforme Barreto (2012), a lexicalização é o estágio final da gramaticalização. Acreditamos ser esse o caso da expressão “do job”.

Bezerra Júnior *et al.* (2023), no artigo “O processo de lexicalização de ‘fanfic’: uma análise no Twitter”, investigaram o estrangeirismo *fanfic*, oriundo do inglês *fan fiction*, e descobriram, com base num *corpus* de 2536 *tweets*, que esse termo está passando por três processos linguísticos no PB: lexicalização, semanticização e gramaticalização. Além disso, sua incorporação está sendo sujeita às regras fonológicas e morfológicas do PB. Essa investigação foi muito importante para a produção deste artigo devido à escolha do *corpus* e do objeto e aos fenômenos analisados, os quais são similares aos do presente artigo. A seguir, apresentaremos a metodologia adotada para a investigação feita nesta pesquisa.

Metodologia

Esta pesquisa é de natureza exploratória, bibliográfica e qualitativa. A abordagem exploratória, nas palavras de Antônio Carlos Gil (2002), tem

como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de instituições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (Gil, 2002, p. 41).

Na investigação proposta por este artigo, a pesquisa exploratória considerou variados aspectos para o estudo do objeto. Observou-se os fatores linguísticos de ordem pragmática, sintática e semântica por meio de textos em situações comunicativas diversas (canção e vídeos de relato e de entrevista) para a compreensão da gramaticalização e da lexicalização na

expressão “do *job*” no PB. O autor ainda diz que, “embora o planejamento de pesquisa obrigatória seja bastante flexível, na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso” (Gil, 2002, p. 41).

No que concerne à pesquisa bibliográfica, também segundo Gil (2002),

é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (Gil, 2002, p. 44).

A pesquisa bibliográfica foi fundamental para o conhecimento das produções bibliográficas a respeito do funcionalismo e dos conceitos de “estrangeirismo”, “gramaticalização” e “lexicalização”. As obras consultadas ofereceram o aporte teórico necessário para a análise e para as conclusões realizadas neste trabalho.

Por fim, a investigação adotou, ainda, um caráter de pesquisa qualitativa para a análise propriamente dita. Segundo Silveira e Córdova (2009), “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (Silveira; Córdova, 2009, p. 32). Dessa forma, ao observar as situações de interação social nos contextos comunicativos em que “do *job*” se manifesta no *corpus*, foi feita a análise para a explicação dos fenômenos linguísticos da gramaticalização e da lexicalização, os quais, por serem de natureza linguística, são sociais.

Para a coleta do *corpus* mencionado na introdução, foram digitadas as palavras “do” seguida por “*job*” no YouTube. A canção “Do job”, de Grelo e Mc Tuto, foi escolhida por ter o maior número de visualizações entre as canções que apareceram. Os outros três vídeos mostraram situações interacionais diferentes, além de também terem um número expressivo de visualizações. O número de visualizações é importante para ter uma noção do quanto a expressão examinada tem se difundido no PB e as situações de comunicação diferentes também mostram a disseminação e popularização da expressão nas mais diversas esferas da vida. A seguir, será detalhada a análise propriamente dita do termo “do *job*” com base no *corpus*.

Análise do *corpus*

Conforme exposto nas seções anteriores, o *corpus* selecionado para este trabalho consiste em um vídeo musical, “Do job”⁵, de Grelo e Mc Tuto, e três *shorts*. Os títulos dos *shorts* são: “Quanto ganha por mês uma do job em Balneário Camboriú”⁶, “Garotas do job trabalhando #job #mulher”⁷ e “Profissão chamada do JOB”⁸. A escolha dos vídeos foi feita com base no número de visualizações, o que se justifica pelo fato de esse critério indicar a popularização da expressão “do job” e o expressivo alcance de contato entre a população brasileira com esse termo de origem inglesa. A partir daqui, até o final desta seção, todas as incidências de “job”, “o job” e “do job” provenientes do *corpus* analisado serão grafadas em negrito (incluindo nos títulos dos vídeos) para facilitar as comparações e os eventuais exames que o leitor vier a fazer.

O primeiro objeto de análise foi o vídeo musical “**Do job**”, de Grelo e Mc Tuto. Trata-se de um vídeo publicado no YouTube, em 11 de novembro de 2024, no canal MC Tuto, com três minutos e treze segundos de duração e, no momento de escrita deste texto, contando 86.513.356 visualizações dos usuários dessa plataforma, quantidade essa que indica a popularização da canção e um grande alcance de contato entre a população brasileira e a expressão “do job”. Esse canal é voltado para o público que escuta a vertente do *funk* cujas canções normalmente versam a respeito de relações amorosas entre homens e mulheres. A seguir, reproduzimos a letra da canção analisada, à qual foram acrescentados, pelo autor deste artigo, os sinais de barra (/) para delimitar as fronteiras entre os versos:

Tava de bobeira no pão/ Ela encostou, me chamou de lindo/ Eu falei: Bebê, linda é você/ Aí o resto você já deve saber o que rolou/ Logo eu descobri que ela era **do job**/ Mas pensa na mina que é de boa demais/ Eu falei: Bebê, me trata de um jeito especial/ Que eu trato você como a princesa que você é/ E nunca mais ela me cobrou, só vem pelo *love*/ Nunca mais ela trabalhou, agora é pelo esporte/ Como é que pode? Como é que pode?/ Consegui ganhar o coração da **do job**/ E nunca

5 Canção disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WNesCpWncIQ>

6 *Short* disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/aZyb8MIRReM>

7 *Short* disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/HRsK9lx7Tdg>

8 *Short* disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/e0txaL8yIHQ>

mais ela me cobrou, só vem pelo *love*/ E nunca mais ela trabalhou, agora é pelo esporte/ Como é que pode? Como é que pode?/ Consegui ganhar o coração da **do job**/ Tava de bobeira no pião/ Ela encostou, me chamou de lindo/ Eu falei: Bebê, linda é você/ Aí o resto você deve saber o que rolou/ Logo eu percebi que ela era **do job**/ Mas pensa na mina que é de boa demais/ Eu falei: Bebê, me trata de um jeito especial/ Que eu trato você como a princesa que você é/ E nunca mais ela me cobrou, só vem pelo *love*/ E nunca mais ela trabalhou, agora é pelo esporte/ Como é que pode? Como é que pode?/ Consegui ganhar o coração da **do job**/ E nunca mais ela me cobrou, só vem pelo *love*/ E nunca mais ela trabalhou, agora é pelo esporte/ Como é que pode? Como é que pode?/ Consegui ganhar o coração da **do job**/ E nunca mais ela me cobrou, só vem pelo *love*/ E nunca mais ela trabalhou, agora é pelo esporte/ Como é que pode? Como é que pode?/ Consegui ganhar o coração da **do job**. (Do job, 2024, 00:00 – 03:13).

Nessa canção, há um eu lírico masculino que se envolve em um romance com uma mulher que ele descobre posteriormente trabalhar com serviços sexuais, o que é evidenciado no verso “Logo eu descobri que ela era **do job**”. À medida que o relacionamento deles progride, eles se apaixonam e ela não cobra mais para ter momentos íntimos com ele, como demonstrado nos versos a seguir: “Consegui ganhar o coração da **do job**/ E nunca mais ela me cobrou, só vem pelo *love*/ E nunca mais ela trabalhou, agora é pelo esporte”. Considerando-se os aspectos contextuais e imagéticos, os versos selecionados demonstram claramente que a expressão “do *job*” diverge do sentido original de *job* ao especializar o trabalho que alguém faz em troca de dinheiro para o serviço sexual. Para além da letra da canção, fatores visuais colaboram para inferir esse sentido. No fundo do vídeo há uma mão feminina oferecendo um coração roxo em uma das extremidades e, na outra, uma mão masculina segurando várias notas de R\$100,00. Uma possibilidade para a escolha do coração roxo ao invés do usual vermelho esteja na forma como alguns jovens usam corações dessa cor em redes sociais. Nesse tipo de uso, o coração roxo é usado em situações de flerte, na forma de *emoji*⁹, simbolizando uma intenção de cunho sexual daquele que o posta numa conversa privada com seu alvo de interesse. Certamente essa hipótese dialoga com o contexto do vídeo, tendo em vista o teor da letra musical comentada acima, o valor semântico da expressão “do *job*”, somados

⁹ Pequenos ícones ou figuras usados nas redes sociais para expressar ideias e emoções.

à troca do coração roxo pelas notas de dinheiro, sugerida pela imagem de fundo do vídeo. Assim, a mulher estaria concedendo uma relação sexual, simbolizada pelo coração roxo, em troca das notas de dinheiro do homem.

O primeiro *short*, “Quanto ganha por mês uma **do job** em Balneário Camboriú”, é um vídeo curto, com quarenta e três segundos de duração, postado pelo canal do YouTube chamado Maicon Küster, em 12 de setembro de 2024, e, no momento de escrita deste texto, contava com 10.671.333 visualizações, outro número que indica a expressiva circulação da expressão “do job”. Esse canal é voltado para um público jovem e a temática dos vídeos é diversa, abarcando política, fofoca sobre *influencers* e, até mesmo, vídeos musicais feitos pelo Maicon Küster. O vídeo analisado trata-se de um *react*¹⁰, em que o *youtuber* Maicon Küster reage, ao vivo, a uma entrevista feita durante a noite com uma trabalhadora do sexo na cidade de Balneário Camboriú, em Santa Catarina. Ao todo, há cinco falantes nesse vídeo: o entrevistador, a entrevistada, o *youtuber* Maicon Küster (que será abreviado como MK) e duas pessoas não nomeadas no vídeo que interagem com o *youtuber* (que serão sinalizadas como OUTRA PESSOA 1 e OUTRA PESSOA 2). Antes da fala de cada um deles, está indicado, em caixa alta, quem fala, seguido por dois pontos. Segue a transcrição do vídeo analisado:

ENTREVISTADOR: Qual é a tua profissão hoje?

MK: Ó, essa aqui eu acho que ela é estudante de Medicina também! Vamos ver se é isso mesmo...

ENTREVISTADA: A minha é o **job**.

MK: Ah! Errei... vamo lá!

ENTREVISTADOR: É o quê?!

MK: Quem diria...

ENTREVISTADOR: Eu sou casado, eu não entendo disso, viu gente? E aqui, dá dinheiro?

OUTRA PESSOA 1: Ele se fazendo de desentendido haha.

OUTRA PESSOA 2: “Eu não entendo o que é **do job**, eu sou casado”!

ENTREVISTADA: Balneário dá muito dinheiro!

MK: Eita... dá muito dinheiro pras **do job** aí, rapaziada.

¹⁰ Modalidade de vídeo comum no YouTube, no qual a pessoa que posta um vídeo reage e faz comentários a respeito de outro vídeo.

ENTREVISTADOR: Quanto que você cobra por hora?

ENTREVISTADA: Tem *job* de 1000... tem *job* de meia hora... às vezes vai... (Interrupção do MK)

MK: O mercado tá supervalorizado hein, rapaziada?! Agora eu entendo a Mari Ávila cobrar 15 mil, né?

ENTREVISTADA: 600, 700 reais.

ENTREVISTADOR: Você trabalha quantos dias na semana?

ENTREVISTADA: Cinco.

ENTREVISTADOR: 4.000 por semana e 16.000 no mês?

ENTREVISTADA: Por aí. Mas o que vale é isso!

ENTREVISTADOR: Cara! Isso é um puta número!

MK: Eu tenho minhas dúvidas, hein... só umas dúvidas! (Quanto ganha, 2024, 00:00 – 00:43).

A primeira ocorrência do termo analisado nesse *short* vem precedida pelo artigo “o”. Quando o entrevistador pergunta qual é a profissão da entrevistada, ela responde que trabalha com “o *job*”, como se fosse esperado delimitar o que seria esse trabalho, se tomássemos o sentido original do termo. Ao mesmo tempo que isso demonstra uma vontade de ocultar a natureza da profissão por meio de eufemismos, mostra que há uma certa popularização do termo. O entrevistador fica surpreso pela imprevisibilidade da resposta e diz, de forma cômica, que não conhece a expressão por ser casado, indicando que ele seria julgado pelo seu cônjuge caso conhecesse esse novo valor semântico de *job*. Em seguida, pergunta quanto a entrevistada cobra por hora e ela responde dizendo que há *job* de R\$1.000,00 e *job* de meia hora, os quais variam entre R\$600,00 e R\$700,00. Depois, ele conclui que ela faz R\$16.000,00 por mês. Ao mesmo tempo em que isso acontecia, Maicon Küster reage com surpresa em relação a esses valores, mencionando Mari Ávila que, segundo ele, cobraria R\$15.000,00 dentro desse “mercado”.

O próximo *short* analisado se chama “Garotas **do job** trabalhando #job #mulher”. Ele é um vídeo de onze segundos de duração que foi postado pelo canal @MauBrMaya no dia 12 de maio de 2025 e contava com 38.911 visualizações na data de escrita deste texto. Esse canal normalmente posta vídeos que mostram as experiências pessoais do filmador. No vídeo analisado, há apenas um falante, que diz o seguinte: “Aqui, galera, as garotas

do job trabalhando. Já no pontinho delas... no outro lado da rua” (Garotas, 2025, 00:00 – 00:11).

Para compreender completamente essa fala e as implicações da expressão “do *job*”, é essencial levar em consideração os fatores pragmáticos nela envolvidos. A pessoa que gravou o vídeo e proferiu a fala mencionada estava dirigindo um carro, no meio de uma estrada, enquanto apontava a câmera para mulheres que estavam no outro lado da rua. Uma delas, inclusive, falava com um motorista que estava dentro do carro enquanto ela estava do lado de fora. A menção que o gravador do vídeo fez a um “pontinho” se refere a um lugar usual onde as pessoas que são profissionais do sexo podem ser encontradas para a contratação de serviços. Como foi evidenciado aqui, todos esses fatores de ordem contextual, somados ao que foi propriamente dito pelo falante, foram fundamentais para inferir que “do *job*” possui o significado discutido neste artigo, isto é, de “profissão do sexo”.

O terceiro e último *short*, “Profissão chamada **do JOB**”, postado no YouTube pelo canal @Manualantiotario, no dia 03 de janeiro de 2025, com duração de um minuto e vinte e sete segundos, e visualizado por 744.924 pessoas até o momento de escrita deste texto, é um *react* de uma experiência vivenciada por uma mulher que confundiu o sentido da expressão “do *job*”. Esse canal é voltado para o público que se identifica com o movimento masculinista. A maioria dos vídeos postados dizem respeito às relações entre homens e mulheres. O *react* em questão foi feito sem comentários por parte da pessoa que reagia ao vídeo, logo, sua transcrição, reproduzida a seguir, é constituída somente das palavras da mulher do vídeo motivador do *react*:

Gente, era um cabrunco de uma profissão chamada “**do job**”, né. E pra mim **job** eu misturo inglês e português direto. **Job** pra mim é trabalho isso e aquilo de boa. Tava no barzinho eu umas amiga minha e outra galera misturada, aí todo mundo conversando isso e aquilo, tal, tal, tal... aí a outra chegou pra menina e falou bem assim “E aí **o job** como é que vai?” Aí ela “Vai de boa crescendo muito, graças a Deus! 2025 eu vou ganhar muito dinheiro”. Aí eu “Porra, que massa!” Aí eu tentando me enturmar, aí eu falei “Porra, que massa! Eu também tô trabalhando com a internet. Muito bom 2025 eu acho que vai dar bom pra mim com fé em Jesus isso e aquilo”. Elas “Ah! Cê trabalha com isso também?” Eu disse “Sim, sim”. Aí eu peguei e falei “É faço uns vídeo aí na internet, umas presepadinha que a

galera gosta de ser aquilo”. Elas “Que massa, qual seu... sua rede social?”. Isso aqui e eu mostrei meus vídeo tal no Instagram isso e aquilo. Começaram a rir... a rir pra gargalhar! Eu, rapaz, dizem que os vídeo é engraçado, mas desse jeito cê nem assistiu já tá rindo, já sei que é bom. Quando eu penso que não, elas falaram “Rapaz, a gente trabalha com **o job**”. Eu disse “Sim, isso pra mim tá melhor”. Vai tomar no... elas disse “Não, a gente trabalha com conteúdo adulto, mais de dezoito” Isso e aquilo... eu disse “Ah, então no caso você é puta?” Só que elas não gostaram porque fala que essa expressão é deselegante ao trabalho delas. Falei “Ah... não... entendi”. Desculpa e aquilo, respeito e tal... mas tem que se explicar melhor! Tem que expressar melhor essas coisas, porque a pessoa fica confundindo... “Ah... porque eu trabalho **no job**”. Primeiro que eu achei redundante essa frase porque trabalho e **job** é a mesma coisa, aí eu fiquei sem entender. Rapaz, eu fiquei num constrangimento tão grande e olha que pra eu ficar com vergonha é muito difícil, viu? Mas isso realmente... eu fiquei da cor dessa camisa. (Profissão, 2025, 00:00 – 01:27).

Como é possível perceber por meio do relato da mulher, a conotação de *job* como prestação de serviço sexual é relativamente nova. Além disso, como foi relatado, as próprias trabalhadoras do sexo estão se referindo a essa atividade usando *job* e suas formas acompanhadas de artigos e preposições e, no caso analisado, até preferem esse termo a outros para se referir ao próprio trabalho.

Ao todo, foram encontradas, nesse *corpus*, 24 ocorrências do vocábulo *job* (em negrito) com o sentido de prestação de serviço sexual em troca de compensação monetária, sendo 15 vezes precedidas pela preposição “de” somada ao artigo “o”, três precedidas apenas pelo artigo “o” e cinco aparições de *job* sem acompanhamentos. Ocorreu também uma situação específica na qual *job* foi precedido pela preposição “em” somada ao artigo “o”, formando “no *job*”. Isso evidencia que *job* com o valor semântico mencionado anteriormente é mais usado pelos falantes do PB quando acompanhado pela preposição “de” somado ao artigo “o”, o que mostra que ocorre uma reanálise sintática própria dos processos de gramaticalização e lexicalização (Barreto, 2012).

Vale ressaltar que, seguindo os princípios da Thaís Cristóforo Silva, a respeito da fonética e da fonologia do português (2019) e do inglês (2021), a pronúncia de “do *job*” proferida nos vídeos, na maioria de suas

manifestações, é feita da seguinte forma: [dU'ʒɔbI]. Isso sugere alterações fonéticas no estrangeirismo *job* próprias do PB, na medida em que, na pronúncia mais usual do inglês, diz-se ['dʒɑ:b], e um potencial ajuntamento das formas gramaticais “de” e “o” a esse vocábulo. Mostra-se, assim, a ação dos processos de gramaticalização e lexicalização no estrangeirismo examinado nas dimensões fonológica, morfológica e sintática.

Por fim, é possível dizer que há uma metonimização dos termos “*job*”, “do *job*” (forma mais usual e objeto desta pesquisa), “o *job*” e “no *job*”, visto que todos eles podem ser usados para se referir à profissão do sexo. A presença de metonímia é comum em itens lexicais que estão passando pelo processo de lexicalização (Barreto, 2012). Diante de tudo que foi dito até aqui, concluímos que a expressão “do *job*” está em vias de lexicalização e o acompanhamento mais recorrente de *job* – “de” + “o” – está em processo de gramaticalização com o estrangeirismo referido.

Considerações finais

Por meio de um *corpus* variado, composto por uma canção e três *shorts* de alcance expressivo no YouTube, pode-se constatar, levando em consideração fatores sintáticos, fonéticos, morfológicos e pragmáticos, que a nova atribuição semântica de “*job*” como trabalho remunerado para serviço sexual que alguém faz em troca de pagamento está se popularizando entre os falantes do PB. Tal variação linguística foi oriunda do contato frequente dessa comunidade de falantes com o inglês, língua de maior prestígio na contemporaneidade.

Pode-se perceber, sob a lupa do funcionalismo, que alguns estrangeirismos também passam pelos mesmos processos linguísticos que os vocábulos considerados naturais de uma língua, algo que resulta na mudança das línguas envolvidas e lhes acrescentam novas formas de expressão e interpretação da realidade. Esse é caso da expressão “do *job*”, que está em vias de lexicalização e gramaticalização no PB. Além disso, ambos os processos podem ocorrer simultaneamente, complementando um ao outro, como ocorrido na expressão investigada neste artigo.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp)*. Edição digital 2025-2026. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 15 jul. 2025.

BARRETO, Therezinha. Lexicalização e gramaticalização: processos independentes ou complementares? *In*: LOBO, Tânia *et al.* (org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. *E-book*. p. 407-416.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BEZERRA JÚNIOR, Alexsandro Santana *et al.* O processo de lexicalização de “fanfic”: uma análise no Twitter. *Travessias Interativas*, São Cristóvão-SE, v. 13, n. 28, p. 45-61, 2023. DOI: 10.51951/ti.v13i28.p45-61. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/18368>. Acesso em: 25 jul. 2025.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 157-176.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

DICIONÁRIO CAMBRIDGE. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/>. Acesso em: 14 de jul. 2025.

DO JOB. Canal MC Tuto, 2024. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WNesCpWnclQ>. Acesso em: 17 de jul. 2025.

GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 15-36.

GAROTAS do job trabalhando #job #mulher. Canal @MauBrMaya, 2025. 1 vídeo (1 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/HRsK9lx7Tdg>. Acesso em: 19 de jul. 2025.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; SILVA, Lucilene Rodrigues da. Gramaticalização de então. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 123-131.

PROFISSÃO chamada do JOB. Canal @Manualantiotario, 2025. 1 vídeo (1 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/e0txaL8yIHQ>. Acesso em: 19 de jul. 2025.

QUANTO GANHA por mês uma do job em Balneário Camboriú. Canal Maicon Küster, 2024. 1 vídeo (1 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/aZyb8MIRReM>. Acesso em: 17 de jul. 2025.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2024.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Pronúncia do inglês: para falantes do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2021.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). *Métodos de pesquisa*. Coordenação da Universidade Aberta do Brasil (UAB/UFRGS) e do Curso de Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2025.